

O último discurso da presidente Dilma Rousseff¹

Jullie Pereira da SILVA²
Maria Sandra CAMPOS³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

Este artigo parte do projeto de iniciação científica realizado pela acadêmica de jornalismo Jullie Pereira e orientado pela doutora Maria Sandra Campos. O artigo traz uma análise do último discurso de Dilma Rousseff como presidente da república, proferido após impeachment ocorrido no ano de 2016, buscando identificar, em sua fala, a intenção de suas palavras e os recursos usados para a construção do seu sentido.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; política; Dilma; comunicação, linguagem.

TEXTO DO TRABALHO

Introdução

A linguagem é produtora do sentido e um instrumento de dominação. Seu uso está constantemente associado ao exercício da política, uma política que segundo Foucault (1979) está diretamente ligada ao uso do poder. Um poder que não é uno, mas múltiplo. Está em todas as relações humanas, envolve os diversos âmbitos sociais, incluindo os pontos mais distantes de Brasília.

A linguagem por si só não causa o efeito necessário para a busca desse poder, a gramática considerada perfeita não é o quesito de única importância quando se trata de conquistar o receptor. O que se anseia é o discurso perfeito, que será proferido levando em consideração fatores dos mais complexos, como temporalidade, contexto social, o lugar de onde se fala e a quem, especificamente, se fala.

¹ Trabalho apresentado na DT – 8 Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFAM, e-mail: jullie16@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFAM, e-mail: mariasandracampos@gmail.com

Através da análise do contexto social, das articulações políticas que se pretende fazer e principalmente com base na ideologia contida sobre o próprio sujeito é que serão escolhidos recursos adequados para a construção do sentido. Arendt (1983) afirma que a fala é imprescindível para a ação própria: “O ato não adquire um sentido senão pela palavra na qual o agente identifica-se como autor, anunciando o que ele faz, o que ele fez, o que ele quer fazer.”

A política se associa à linguagem quando a usa para atingir seus objetivos de conservar o poder governamental. O dizer, ao mesmo tempo em que é, por si só, uma ação, desencadeia consequências que atingem o próximo, e dentro da política a sua construção é proposital. O sistema político se mantém através do discurso e da linguagem. Suas questões se fazem importante para a compreensão daquilo que rodeia a sociedade brasileira.

A palavra discurso sugere a ideia de movimento, quando esse discurso se materializa é possível observar, em toda a sua subjetividade, o percurso a qual foi submetido. Segundo Orlandi o objetivo do estudo da análise do discurso é levantar censo crítico:

“Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político.” (ORLANDI, 2003, pág. 15)

O discurso político é plurissignificativo, compreender suas intenções e aquilo que está por trás é de real importância, visto que a busca de poder influencia a vida de todos os cidadãos. Patrick Charaudeau (2005) afirma que a palavra no campo político “jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano.”

O último discurso da presidente Dilma Rousseff traz o peso de uma história, não apenas a dos fatos recentes que o ocasionaram, mas aquela que conduziu seu sujeito, totalmente indissociável de sua fala. Carrega consigo um contexto político e social, frutos de anos de uma agenda onde seus interesses motivaram a participação ativa de movimentos sociais das mulheres, dos negros

e pobres, citados por ela tantas vezes antes e lembrados com veemência em seu último discurso, aqui debatido.

O Brasil passou por um dos maiores capítulos de sua história recente com o impeachment de Dilma Rousseff, houveram discursos prós e contras as medidas adotadas, discursos carregados com o peso da vida política que afetam diretamente a democracia de um país e os interesses pessoais de muitos, que explanaram direta ou indiretamente um jogo de intenções — causado pelos fatos apresentados e o contexto da movimentação social — e recursos linguísticos para o resultado do processo.

O discurso analisado entra para a história do país, sendo o último da primeira presidente mulher eleita democraticamente no Brasil. Suas palavras não seriam esquecidas, após 5 anos no poder e uma bagagem histórica e polêmica, de acusações e aplausos, com um término imprevisto pela mídia brasileira e por colegas de Brasília. Torna-se imprescindível buscar as intenções na fala da primeira presidente mulher, no segundo impeachment do país, fato marcado na história, que influenciou toda conjuntura que se seguiu após o desfecho desse capítulo.

1. Análise de conjuntura

A análise do sujeito, da sua ideologia e história, são fatores importantes para o início da compreensão de seu discurso. Orlandi (2003) afirma: “A ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.” Ou seja, para haver um discurso, antes existiu uma ideologia enraizada no sujeito que fala, uma ideologia que produz o sentido daquilo que é dito. Orlandi (2003) afirma ainda que “enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história, para que haja sentido” mostrando que a ideologia está presente, inevitavelmente, no que é dito pelo sujeito.

Sírio Possenti (2009) afirma que “não se pode aceitar a possibilidade de pensar um sujeito sem circunstâncias, ou que as domine completamente” e mais adiante diz “Trata-se fundamentalmente de aceitar que o sujeito é segundo em relação ao seu entorno- social, linguageiro, ideológico, cultural, até mesmo

biológico. Ou seja, os termos mais ou menos correntes da AD: o sujeito é efeito”. Sírío mostra a importância de compreender aquilo que constitui o sujeito, sua ideologia, sua vida social, os discursos que o atravessam, porque essa constituição é o que forma o falante, produzido e dando sentido à própria fala.

Charaudeau (2005) fala sobre o ser afeado por aquilo que o cerca: “Ao sentir a realidade, o homem é mobilizado por essa experiência: ele constrói seu saber sob a dependência da realidade, pois não pode pesar a si próprio senão mediante as apresentações que ele se dá.” O ser humano é produzido a partir daquilo que vê, a partir do contexto social ao qual está inserido. Essa produção, como foi dito, resulta, também, em sua forma discursiva.

A compreensão da trajetória de Dilma Rousseff é um passo inicial para assimilar do que se trata seu discurso. Dilma iniciou sua militância aos 16 anos, na época contra a ditadura militar instaurada após o golpe contra o presidente João Goulart e foi presa, em São Paulo, por cerca de 3 anos. Em 2001, Dilma presta depoimento à Comissão Estadual de Indenização às Vítimas de Tortura de Minas Gerais, onde relata os sofrimentos durante sua prisão. Em relatório, ela conta que recebeu socos e que foi submetida ao pau de arara, método de tortura comprovadamente usado pelos militares durante a ditadura de 1964. A ex-presidente relata que foram momentos nunca esquecidos: “As marcas da tortura sou eu, fazem parte de mim”.

A ex-presidente Dilma, sendo mulher, carrega um histórico de gênero. Foi a primeira mulher a assumir a presidência da república no Brasil, assim como foi a primeira mulher secretária da Fazenda de Porto Alegre, a primeira secretária estadual de Energia, a primeira ministra de Minas e Energia e a primeira chefe da Casa Civil. No Brasil, as mulheres só tiveram direito ao voto em 1932 e só puderam exercer em condições iguais às dos homens em 1946.

Segundo estudo feito pelo Projeto Mulheres Inspiradoras (PMI), com base no banco de dados primários do Banco Mundial (Bird) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), divulgado em março de 2007, as mulheres são apenas 10% do parlamento brasileiro. O país foi construído de maneira a excluir as mulheres da vida política. A ex presidente Dilma lembra, em seus discursos, o peso de ser uma mulher no mais alto cargo político do país.

O seu envolvimento com as questões sociais, é um dos pilares de sua vida política. Dilma criou o programa luz para todos, quando era Ministra de Minas e Energia, que visava levar luz elétrica aos meios rurais que ainda não tinham acesso. Continuou projetos como bolsa família e iniciou outros como o Mais Médicos. Sua trajetória com as pautas abraçadas pela esquerda e seu partido é uma das bandeiras do seu governo.

Faz-se necessário, também, compreender o contexto em que o discurso fora proferido. O processo de impeachment da ex-presidente deu início no dia 2 de dezembro de 2015, quando o então presidente da câmara, deputado Eduardo Cunha (PMDB) aceitou a denúncia assinada pelos juristas, Janaína Paschoal, Miguel Reale Junior e Hélio Bicudo. A denúncia alegou pedaladas fiscais, cometidas pela então presidente, decorrendo assim em crime de responsabilidade, passível de um processo de impeachment. O processo durou no total 273 dias.

No dia 07 de dezembro de 2015, o ex-vice presidente, Michel Temer, encaminha uma carta à ex-presidente Dilma Rousseff, onde demonstra sua total insatisfação com as atitudes de Dilma para com ele, relatando momentos onde se sentiu desvalorizado e descredibilizado. Ele confirma, na carta, o rompimento com a ex-presidente e sua desaprovação com o governo que antes fazia parte:

Tenho mantido a unidade do PMDB apoiando seu governo usando o prestígio político que tenho advindo da credibilidade e do respeito que granjeei no partido. Isso tudo não gerou confiança em mim, Gera desconfiança e menosprezo do governo. [...] Finalmente, sei que a senhora não tem confiança em mim e no PMDB, hoje, e não terá amanhã. Lamento, mas esta é a minha convicção.

No dia 2 de maio de 2016, a ex presidente é afastada de seu cargo, temporariamente, em uma votação com um placar de 55 a favor e 22 contra. O vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência da república, enquanto o processo era encaminhado para o Senado Federal. Após 6 dias de julgamento no Senado, com 6 votos a favor e 20 votos contra, no dia 3 de agosto de 2016, Dilma foi condenada e seu mandato foi cassado, mas permaneceu com seus direitos políticos. O processo foi considerado um golpe parlamentar, pela ex-presidente e seus aliados.

A sociedade acompanhou o processo de forma ativa. Ocorreram manifestações a favor e contra o impeachment em todos os estados do país. Segundo o Estadão, na primeira manifestação de 2016, cerca de 3 milhões de pessoas foram às ruas em 26 estados e Distrito Federal do país, os protestos pediam a saída da ex-presidente Dilma e a continuação de investigações da operação Lava Jato – operação em que o Partido dos Trabalhadores foi constantemente citado e investigado, causando danos à sua imagem.

O discurso em questão, vem, portanto, carregado de fatos políticos e sociais, fatos que antecederam esse discurso e dão suporte para a sua significância. O discurso foi proferido no mesmo dia de sua condenação e foi pensado considerando os fatos, até aqui observados. A análise da conjuntura se faz necessária para o início da análise do discurso propriamente dito.

1.1. Análise e discussão do discurso

Após a decisão pelo impeachment, no dia 31 de agosto de 2016, a ex-presidente Dilma Rousseff fez aquele que seria seu discurso de despedida do mandato e seu posicionamento quanto ao fato ocorrido. A partir daqui vamos empreender a análise de trechos do mesmo.

Ao cumprimentar o ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva, cumprimento todas as senadoras e senadores, deputadas e deputados, presidentes de partido, as lideranças dos movimentos sociais, às mulheres e homens de meu país. Hoje, o Senado Federal tomou uma decisão que entra para a história das grandes injustiças. Os senadores que votaram pelo impeachment escolheram rasgar a Constituição Federal. Decidiram pela interrupção do mandato de uma Presidenta que não cometeu crime de responsabilidade. Condenaram uma inocente e consumaram um golpe parlamentar. (ROUSSEFF, 2016)

Nesse primeiro parágrafo a ex-presidente faz uma enunciação de pessoa, sem referir-se a si mesmo. Tal enunciação se faz presente, mesmo sem o uso do “eu. Ela constrói espaço e tempo do discurso, quando se coloca como agente passiva de um acontecimento, no caso o impeachment, cometido por pessoas específicas, os senadores, de maneira injusta, “rasgando” a Constituição Federal.

É comum, em discursos políticos, saudar aliados no primeiro momento da fala. A ex-presidente traz uma característica própria quando separa seus apoiadores por gênero e escolhe se referir às mulheres em primeiro lugar, falando sempre com “senadoras”, “deputadas”. Essa característica marcou seus discursos desde a primeira posse em 2011, quando optou por ser chamada oficialmente com o termo “presidenta”, que revela sua luta pela igualdade de gênero e reforça sua preocupação em ter um papel representativo para as mulheres no campo político. Ela, que já tinha sido a primeira mulher a assumir o Ministério de Minas e Energia e a primeira mulher a chefiar a Casa Civil, dessa vez foi eleita a primeira mulher presidente do país e reconhece, ao usar os artigos femininos e evidenciar a presença feminina, as desigualdades de gênero existentes no cenário.

No primeiro parágrafo do seu discurso, a ex-presidente Dilma escolhe se afirmar inocente e se referir ao momento como a consumação de um “golpe parlamentar”, estabelecendo assim aquele que seria o viés discursivo que encaminhou a narrativa dos seus apoiadores em todo o processo de resistência pós impeachment. Com esse ponto do discurso ela constrói a perspectiva que seria o olhar de todos aqueles que a seguem e que estiveram ao seu lado, influenciando mídias alternativas, coletivos e movimentos. Escolhendo usar palavras como “injustiça”, “inocente” e “golpe”, ela traz, categoricamente, seu posicionamento com relação aos fatos que a atingiram.

É o segundo golpe de estado que enfrento na vida. O primeiro, o golpe militar, apoiado na truculência das armas, da repressão e da tortura, me atingiu quando eu era uma jovem militante. O segundo, o golpe parlamentar desfechado hoje por meio de uma farsa jurídica, me derruba do cargo para o qual fui eleita pelo povo. (ROUSSEFF, 2016)

Dilma refere-se ao impeachment como sendo um “golpe”, o mesmo termo utilizado para definir a chegada dos militares ao poder em 1964, durante a ditadura militar em que ela mesma foi presa. Traça, dessa forma, um paralelo entre os dois momentos da história, um em que ela participou como atriz coadjuvante e o outro em que é protagonista. Ativando, dessa forma, a memória discursiva que relaciona, historicamente, a ditadura militar como sendo um

momento de repressão popular, com uso de tortura e morte. Produzindo um sentido negativo que relaciona os dois momentos.

É uma inequívoca eleição indireta, em que 61 senadores substituem a vontade expressa de 54,5 milhões de votos. É uma fraude, contra a qual ainda vamos recorrer em todas as instâncias possíveis. Causa espanto que a maior ação contra a corrupção da nossa história, propiciada por ações desenvolvidas e leis aprovadas e sancionadas a partir de 2003 e aprofundadas em meu governo, leve justamente ao poder um grupo de corruptos investigados. (ROUSSEFF, 2016)

Quando a ex presidente Dilma recorre ao número expresso de votos que recebeu, ela relembra e traduz que esteve no poder pela decisão da maioria dos brasileiros, ela diz, mesmo não dizendo, que ocupava aquele lugar através de uma eleição legítima, direta e democrática. E faz, novamente, uma referência às investigações que se iniciaram durante os governos que seu partido era líder. Essas operações desencadearam inúmeras investigações, não apenas de seus opositores, mas de seu partido, que esteve amplamente envolvido em esquemas de corrupção. Ela faz, no entanto, uma quebra de sentidos, quando coloca, em primeiro plano, de maneira positiva, sua relação com as operações ao lembrar que só foram possíveis através dela e seu partido, colocando em seguida aqueles que seriam seus opositores “um grupo de corruptos investigados”, desconsiderando as investigações que seu próprio partido foi alvo.

O projeto nacional progressista, inclusivo e democrático que represento está sendo interrompido por uma poderosa força conservadora e reacionária, com o apoio de uma imprensa facciosa. Vão capturar as instituições do Estado para colocá-las a serviço do mais radical liberalismo econômico e de retrocesso social. (ROUSSEFF, 2016)

Nesse ponto surge um clima de tensão e temor, com o uso das palavras “capturar”, “conservadora”, “retrocesso”, “reacionária”, a ex presidente cria uma sensação de receio quanto ao que seria o novo governo, não usando denominações, mas a palavra “força”, algo fora do entendimento comum. Usando de uma linguagem que representa o que existe de mais negativo, do ponto de vista dos seus eleitores, como o conservadorismo e o liberalismo econômico.

Acabam de derrubar a primeira mulher eleita presidenta do Brasil, sem que haja qualquer justificativa constitucional para

este impeachment. Mas o golpe não foi cometido apenas contra mim e contra o meu partido ou os partidos aliados, que me apoiam hoje. Isto foi apenas o começo. O golpe vai atingir indistintamente qualquer organização política progressista e democrática. (ROUSSEFF, 2016)

Ao lembrar seu estado como a primeira mulher presidente do Brasil, ela carrega consigo aquilo que é um feito inédito e representativo na vida política do país, que por sua vez mostra os avanços carregados desde 1932, quando as mulheres conquistaram o direito ao voto no Brasil, até os dias atuais, quando finalmente a maior parte da população depositou em uma mulher a confiança de liderar o seu país. Em seguida, ao afirmar que essa mesma mulher, depois de todas as conquistas sociais com relação à igualdade de gênero — que colaboraram para que ela pudesse possuir o mais alto cargo político do país —, foi tirada “sem qualquer justificativa constitucional” ela frisa a injustiça sofre. E seu discurso, nesse ponto, continua a reunir um clima de temor, dessa vez não somente sobre aquilo que está acontecendo com ela, mas aquilo que o interlocutor poderá sofrer.

O golpe é contra os movimentos sociais e sindicais e contra os que lutam por direitos em todas as suas acepções: direito ao trabalho e à proteção de leis trabalhistas; direito a uma aposentadoria justa; direito à moradia e à terra; direito à educação, à saúde e à cultura; direito aos jovens de protagonizarem sua própria história; direitos dos negros, dos indígenas, da população LGBT, das mulheres; direito de se manifestar sem ser reprimido. O golpe é contra o povo e contra a nação. O golpe é misógino. O golpe é homofóbico. O golpe é racista. É a imposição da cultura da intolerância, do preconceito, da violência. Peço às brasileiras e aos brasileiros que me ouçam. Falo aos mais de 54 milhões e meio de votos e pessoas que assumiram e consubstanciam esses votos, que os depositaram nas urnas, me aprovando pela segunda vez, para a presidência da república federativa do Brasil. Falo aos 110 milhões que participaram dessas eleições, que saíram de suas casa e que foram colocar o seu desejo, seu interesse e aquilo que aspiram para o Brasil dentro da urna indevassável. (ROUSSEFF, 2016)

O Brasil possui, em sua vida social e política, diversos movimentos que representam parcelas da população que são distintas e que possuem demandas distintas, uma característica de um país desigual e diverso em seus credos, cores e sentidos. Esses movimentos são parte da ideologia pregada pela ex-presidente Dilma e é para eles que ela dedica esse momento do discurso,

falando de modo distinto, específico, singular, como se exige em seus campos. Personifica, em seu discurso, o momento do golpe, como se este se transformasse em um ser capaz de atacar. Usa, dessa forma, acusações graves como “O golpe é homofóbico”, “O golpe é racista”, que causa, ao interlocutor, um imediato sentimento de revolta contra aquele ser que surge. Ela, conhecendo seu eleitorado, usa de questões primordiais para causar sentimento de indignação, se referindo à direitos básicos, como educação, saúde, cultura e liberdade. Utiliza em contraposição, termos que são repugnados pelo eleitor, como “intolerância”, “preconceito” e “violência.”

Ouçam bem: eles pensam que nos venceram, mas estão enganados. Sei que todos nós vamos lutar. Haverá contra eles a mais firme, incansável e enérgica oposição que um governo golpista pode sofrer. Repito, haverá contra eles a mais determinada oposição que um governo golpista pode sofrer. (ROUSSEFF, 2016)

Ao escolher usar o pronome “nos”, se incluindo e incluindo à todos, ela mostra uma ideia de união, coletividade, em seguida confirma essa ideia ao convocar uma oposição ao governo que se erguia, uma oposição forte, “firme” e “incansável”. Dilma traz uma acusação que seria ressoada por seus seguidores, ao utilizar as palavras “governo golpista”.

Quando o Presidente Lula foi eleito pela primeira vez, em 2003, chegamos ao governo cantando juntos que ninguém devia ter medo de ser feliz, que ninguém devia ter medo de ter esperança, porque muitas vezes, nós, lutando conseguimos conquistar essa esperança e transformá-la em realidade. Por mais de 13 anos, realizamos com sucesso um projeto que promoveu a maior inclusão social e redução de desigualdades da história de nosso País. (ROUSSEFF, 2016)

O saudosismo é característica desse ponto, ao lembrar o primeiro governo do ex-presidente Lula, quando ela era ministra de Minas e Energia, época em que promoveu o “Luz para todos” e levou eletricidade para os lugares mais afastados das capitais. Ao dizer “ninguém devia ter medo de ser feliz” ela propõe uma narrativa de ameaça, como se algo pudesse impedi-la de manter a alegria, por isso o uso da palavra “medo” e não uma narrativa com a palavra “coragem”, que expressaria nesse ponto outras perspectivas.

Esta história não acaba assim. Estou certa que a interrupção deste processo pelo golpe de estado não é definitiva.

Não voltaremos apenas para satisfazer nossos desejos ou nossa vaidade. Nós voltaremos. Voltaremos para continuar nossa jornada rumo a um Brasil em que o povo é soberano. (ROUSSEFF, 2016)

A continuação do discurso com esse parágrafo estimula ao interlocutor a esperança de que essa época, citada no parágrafo anterior e visto com um sentimento de saudade, de um tempo próspero, poderá voltar. Que essa alegria e essas mudanças podem acontecer com a volta de seu governo, espaço onde “o povo é soberano”, deixando implícito que agora o povo não exerce seu papel de soberania.

Espero que saibamos nos unir em defesa de causas comuns a todos os progressistas, independentemente de filiação partidária ou posição política. Proponho que lutemos, todos juntos, contra o retrocesso, contra a agenda conservadora, contra a extinção de direitos, pela soberania nacional e pelo restabelecimento pleno da democracia. (ROUSSEFF, 2016)

A união dos partidos de esquerda no Brasil é frágil, seu vice, que tomou seu posto e que se transformou posteriormente no maior alvo de acusações de “golpista” pertence ao MDB, que não é conhecido por apoiar às ideologias de esquerda. Ao convidar os partidos que comungam de suas mesmas vertentes ideológicas, ela pauta aquilo que é de interesse de todos, a liberdade de escolha, os direitos humanos, a democracia.

Saio da Presidência como entrei: sem ter incorrido em qualquer ato ilícito; sem ter traído qualquer de meus compromissos; com dignidade e carregando no peito o mesmo amor e admiração pelas brasileiras e brasileiros e a mesma vontade de continuar lutando pelo Brasil. (ROUSSEFF, 2016)

A partir desse momento, a ex-presidente passa a usar aquilo que Charaudeau (2005), chama de “enunciação elocutiva”: expressa com a ajuda de pronomes pessoais de primeira pessoa que revelam a implicação do leitor e descrevem seu ponto de vista pessoal.” Ela inicia um balanço, uma espécie de análise referente à si própria e sua permanência, até então, na liderança do Brasil.

Eu vivi a minha verdade. Dei o melhor de minha capacidade. Não fugi de minhas responsabilidades. Me emocionei com o sofrimento humano, me comovi na luta contra a miséria e a fome, combati a desigualdade. Travei bons combates. Perdi alguns, venci muitos e, neste momento, me inspiro em Darcy Ribeiro para dizer: não gostaria, mais uma vez,

não gostaria de estar no lugar dos que se julgam vencedores. A história será implacável com eles, como já o foi, em décadas passadas. (ROUSSEFF, 2016)

O uso dos pronomes pessoais traz a ideia de singularidade e não autoridade ou arrogância. Quando ela escolhe dizer “a minha verdade”, ela não afirma estar certa ou errada, não admite mentiras ou enganações, já que o que o seu conceito de verdade é próprio, singular, pertencente à ela mesma, baseado em todo o seu conhecimento empírico e científico. Aqui, Dilma trabalha seu lado pessoal, expressa aquilo que é o seu sentimento com relação ao trabalho desenvolvido, ressalta a luta “contra a miséria e a fome”. Cita, pela primeira vez durante o seu discurso, as palavras de um outro político brasileiro, ameaçando seus opositores de um possível dano negativo às suas imagens.

Às mulheres brasileiras, que me cobriram de flores e de carinho, peço que acreditem sempre que vocês podem. As futuras gerações de brasileiras saberão que, na primeira vez que uma mulher assumiu a Presidência do Brasil, o machismo e a misoginia mostraram suas feias faces. Abrimos um caminho de mão única em direção à igualdade de gênero. Nada poderá nos fazer recuar. (ROUSSEFF, 2016)

Esse é o único parágrafo escrito para uma classe social. O único dedicado à um movimento ou grupo de pessoas. Ela fala diretamente às mulheres e reafirma sua preocupação com relação ao debate sobre a igualdade de gênero no país, lembrando que a sua saída representa o ataque de um sistema que as mulheres sentem aversão, o patriarcado.

Neste momento, não direi adeus a vocês. Tenho certeza de que posso dizer “até daqui a pouco”. Ou eu ou outros assumirão este processo, eu a partir de agora lutarei incansavelmente para continuar a construir um Brasil melhor e tenho certeza que outras e outros assumirão no futuro um papel que está baseado na eleição direta, na escolha direta dos governantes pelo povo. Encerro compartilhando com vocês um belíssimo alento do poeta russo Maiakovski: "Não estamos alegres, é certo, mas também por que razão haveríamos de ficar tristes? O mar da história é agitado, as ameaças e as guerras, haveremos de atravessá-las, rompê-las ao meio, cortando-as como uma quilha corta." (ROUSSEFF, 2016)

Uma reflexão é o que se faz nos últimos momentos do discurso. Ao se despedir fazendo votos para que os próximos sejam eleitos diretamente pelos votos do povo, ela relembra o que disse anteriormente, a respeito do governo

que se iniciaria sem votos, eleito indiretamente, pelos senadores da república. Ainda, pela segunda vez, escolhe citar outro, dessa vez um poeta russo conhecido por seu espírito revolucionário. O trecho mostra um posicionamento de força e não de derrota, que seria o esperado, após a decisão pela sua retirada, no entanto, ao dizer, com a citação, que irá superar “as ameaças e as guerras”, ela se estabelece de maneira positiva e forte.

Um carinhoso abraço a todo povo brasileiro, às mulheres e aos homens do meu país e um abraço especial a todos os homens e mulheres que compartilha comigo a crença na democracia e o sonho da justiça, da justiça em todas as suas dimensões" (ROUSSEFF, 2016)

Demonstra por fim, um aspecto que por vezes é atrelado ao discurso político, o afeto. Ao expressar carinho, ela trabalha, no último segundo, o sentimento de fraternidade, leveza e aspectos singelos. E reformula o sentido de “justiça” quando a exige em “todas suas dimensões”, que pode ser entendido como uma lembrança, tanto da injustiça que ela acabara de sofrer, quanto das injustiças que ela própria combateu durante a sua vida pública.

Considerações

Durante o discurso, a ex-presidente trabalha aquilo que Charaudeau (2017) chama de “Eu-nós”, usando uma identidade singular e coletiva, expondo suas ideias a respeito de um acontecimento que teoricamente aconteceu com relação à ela, mas que no entanto foi atribuído à todos aqueles que estiveram ao seu lado ou ao lado de princípios básicos de justiça e bem estar democrático.

Ela traz a imagem que ela mesma criou de si, nos quase 6 anos de mandato, como sendo uma figura que levanta bandeiras sociais, que luta por aquilo que acredita ao ponto de enfrentar seus opositores até o fim, visto que até mesmo o processo de impeachment foi decidido seguir até as últimas instâncias. A ex-presidente Dilma encaminha, a partir desse discurso, a linha ideológica que firmaria o seu posicionamento com relação a um dos maiores momentos da história do país.

No decorrer do discurso, ela frisa momentos individuais e coletivos, proporcionando uma identificação com o interlocutor, que induz uma reflexão

sobre a sua experiência pessoal e singular. Esses momentos surgem através daquilo que forma a pessoa da Dilma, sua ideologia, o contexto histórico que ela passou durante seus anos de jovem militante.

O discurso é precursor de uma nova fase no país. Após a saída da presidente Dilma Rousseff, o novo governo protagonizou muitas das ameaças ditas durante sua fala, criando reformas, excluindo mulheres de suas fileiras, inibindo gastos na educação, excluindo a arte. A partir de seu último discurso é possível compreender todos os fatos que o antecedem e vislumbrar perspectivas futuras do país.

O discurso que marca a sua saída, definitiva, do Palácio do Planalto, se torna um documento de fatos históricos. Relata não apenas o processo do impeachment, o segundo na história do país, ou o peso enfrentado pela primeira presidente mulher do Brasil. Carrega por si só a simbologia do momento político mais importante das últimas décadas, que envolve a sociedade e suas esferas.

O impeachment da primeira mulher presidente da república estimulou movimentos de todos os lados, que se levantaram para a construção de uma nova fase, marcada pela polarização política e o desejo de mudança social. Seu discurso pontua o fim e o início de um capítulo da história, construindo a narrativa que seria levada em consideração por centenas de pessoas que levam a significância de seu partido como uma âncora a ser usada ou como alvo a ser combatido por aqueles que após o processo se viram desesperados por novas soluções para a política brasileira.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **O que é política?** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.
- AREBDT, Hannah. **Condição do homem moderno.** Paris, coleção Agora, 1983.
- ARISTÓTELES. **Política.** Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1985.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político.** São Paulo, Contexto, 2006.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso.** São Paulo, Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. **O regime de 1964. Discurso e ideologia.** São Paulo, Atual, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro, Graal, 1979.

FULANETI, Oriana N; BUENO, Alexandre Marcelo. **Linguagem e política I: Princípios teórico-discursivos.** São Paulo, Editora contexto, 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** São Paulo, Pontes, 2009.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso.** São Paulo, Parábola Editora, 2009.

PONTY, Maurice Merleau. **A prosa do mundo.** São Paulo, Cosac e Naify, 2002.